



TECENDO RELAÇÕES E SALVANDO ALMAS: AS OPERÁRIAS DA FÁBRICA DE TECIDOS DO BIRIBIRI / DIAMANTINA-MG (1926-1931)

Kátia Fanciele Corrêa Borges*

Este artigo pretende contar parte da história das operárias que atuaram como tecelãs e fiandeiras na Fábrica de Tecidos do Biribiri – Diamantina/MG. Mediante as análises dos discursos de santidade, proferidos nas reuniões mensais da Associação da Pia União das filhas de Maria de Santa Inez realizadas entre 1926 e 1931, tendo em vista aspectos que direcionavam para a formação de corpos dóceis e úteis para servir a indústria emergente. Para isso, a gerência da fábrica e a Igreja Católica contaram com o apoio de alguns documentos eclesiais como: Epístola Apostólica *Ineffabilis Dei*, a Encíclica *Rerum Novarum* e o Manual das Filhas de Maria de Santa Inez. Além disso, houve documentos produzidos pelas próprias operárias como: atas de reuniões, cadernos de anotações, orações, entre outros que demonstraram a prática de relações sociais peculiares. Assim a abordagem adotada foi qualitativa e este estudo se insere na concepção historiográfica da História Regional.

Palavras-chave: Tecelãs, fiandeiras, santidade, corpos úteis.

MAKING RELATIONSHIPS AND SAVING SOULS: THE WORKERS IN THE BIRIBIRI TEXTILE FACTORY/ DIAMANTINA – MG (1926 -1931)

Abstract:

This paper intends to count part of the history of the workers who acted like weavers and spinners in the Biribiri Textile Factory (Diamantina / MG). Through of the analysis of the discourse of the holiness, pronounced monthly meetings of the of the Pia Union of the daughters of Maria de Santa Inez Association carried out between 1926 and 1931, taking into account aspects that for the formation of docile and useful bodies to serve the emerging industry. For this, the management of the factory and the Catholic Church they counted with the support of some documents ecclesiastics such as: Apostolic Epistle *Ineffabilis Dei*, the Encyclical *Rerum Novarum* and the Manual of the Daughters of Mary of Santa Inez. Besides that, there were documents produced by the workers themselves: minutes of meetings, notebooks, prayers, among others that demonstrated the practice of peculiar social relations. Thus, the approach adopted was qualitative and this study is part of the historiographical conception of Regional History.

Keywords: Weavers, spinners, holiness, usefulbodies.

* Doutoranda do Programa em História da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF/ Bolsista Capes DS. Mestre em Desenvolvimento Social e Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.



1. Introdução

A fábrica de tecidos do Biribiri foi fundada pelo primeiro Bispo de Diamantina Dom João Antônio dos Santos e sua família no final do século XIX. Na época o então bispo alegava que a fábrica iria gerar emprego e renda para moças órfãs e sustentar seus empreendimentos sociais (FERNANDES, 2005).

A indústria têxtil se fez fortemente presente no cenário brasileiro a partir de meados do século XIX, entre 1868 e o final do século XIX, 29 fábricas têxteis foram fundadas em Minas Gerais (DULCI, 2013). Somente na região de Diamantina surgiram quatro empreendimentos têxteis – a fábrica do Biribiri, a Fábrica São Roberto, a Fábrica Santa Bárbara e a Fábrica Perpétua (MARTINS, 2014). Em 1909 Minas Gerais contava com 35 fábricas têxteis (LIBBY, 1988).

A Fábrica de Tecidos do Biribiri se localizava a aproximadamente 12 quilômetros da cidade de Diamantina/MG, que no passado colonial foi importante centro econômico de extração de diamante e ouro. No entanto, ao final do século XIX, a região reinventava sua economia para superar a crise do mercado de diamantes promovida pela descoberta das jazidas africanas (MARTINS, 2014). A localização da fábrica distante da cidade se justificou pela peculiaridade do local – um terreno acidentado e próximo a uma cachoeira que serviria como fonte de energia. Em torno da fábrica surgiu uma vila operária contendo um pensionato para moças – chamado de Convento – casas para os operários casados, a casa da gerência, um armazém, uma igreja e uma praça.

A mão de obra utilizada na fábrica era majoritariamente feminina, em 1883, dos seus 130 operários, 110 eram do sexo feminino, com idades que variavam entre 10 e 30 anos¹. No período entre 1926 e 1931 a fábrica contava com aproximadamente 80 mulheres e 10 homens². A produção historiográfica vem demonstrando que a opção pelas mulheres era comum na indústria têxtil, como por exemplo, na Inglaterra e França no mesmo período (PERROT, 2011; THOMPSON, 1987). No caso do Brasil, Margareth Rago (1985) constatou não só uma presença maior de mulheres na indústria paulista, como também chamou a

¹ Comissão Parlamentar de Inquérito informações apresentadas ao Corpo Legislativo, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1883, p.296 (citado por LIBBY, p.236).

² Dados parciais baseados nos documentos analisados até o momento para pesquisa de doutorado iniciada em 2015. Fonte: Fichas de Cadastro dos Recursos Humanos da Fábrica de Tecidos do Biribiri (1920-1942). Arquivo Fábrica Estamparia S/A – São Roberto/MG.



atenção para o processo de adestramento moral sofrido por elas para atender as necessidades da indústria. Em Minas Gerais, autores como Domingos Girolletti (1991), Douglas Libby (1988) e Otávio Dulci (2013) também demonstram que as mulheres representavam a maior parte da mão de obra na indústria têxtil.

Contudo, diferentemente do que ocorreu nos mundos do trabalho europeu, nos séculos XVIII e XIX, – onde a mão de obra fabril originou-se do crescimento urbano provocado pelos cercamentos –, no Brasil, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre dimensionava contornos bastante específicos para atender as necessidades da indústria emergente. Em oposição à escravidão, do ponto de vista ideológico, o trabalho na fábrica era alvo do discurso de dignificação do trabalhador (CHALHOUB, 2001). Para tanto, a Igreja Católica era peça fundamental, ancorada na Carta Encíclica *Rerum Novarum*, sobre a condição dos operários, editada em maio de 1891 pelo Papa Leão XIII³, em que pretendia regular a vida e os costumes das pessoas, sobretudo das classes pobres, para combater as ideias marxistas e disseminar a concórdia entre patrões e operários.

E o que dizer da Fábrica de Tecidos do Biribiri? Existiu ali um (ou, vários) discurso(s) para disciplinar seus/suas operários(as)?

2. As operárias do Biribiri

De acordo com o historiador Peter Burke, ao longo do século XX, muitos esquemas de periodização foram criados sem levar em conta as mulheres:

(...) Estas foram descritas como virtualmente ‘invisíveis’ para os historiadores profissionais (eles mesmos, em sua grande maioria, homens, pelo menos até bem recentemente) no sentido de trabalho diário e sua influência política, em geral, foi subestimada, enquanto mobilidade social foi, via de regra, discutida apenas em termos masculinos (BURKE, 1937;2012, p.85).

Ao abordar a Fábrica de Tecidos do Biribiri, Aires da Mata Machado Filho (1980), Marcos Lemos (1999) e Antônio Carlos Fernandes (2005) descrevem as operárias como moças pobres que trabalhavam para ajudar no sustento das famílias. No entanto, esses

³ CARTA ENCÍCLICA RERUM NOVARUM (15 de maio de 1891). Leão XIII – sobre a condição dos operários. Disponível em <https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/.../hf_1-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso 1/1/2017.



autores não discutiram a história das mulheres, apenas as citam para justificar o papel protetor que os diversos administradores⁴, ao longo da existência da fábrica, tiveram para com essas moças. .

As operárias se chamavam Alaíde(s), Agostinha (s) Sebastiana (s), Rosália(s), Jacynta (s), Pedrelina (s), Maria (s), entre tantos outros nomes⁵, e vinham de cidades e lugarejos vizinhos de Diamantina/MG, como Curumatahy, São João da Chapada, Serro, Datas, Curvelo, Capelinha e Santa Bárbara, entre outros⁶. No ano de 1926 elas decidiram fundar uma Pia União e, para isso, enviaram ao Arcebispo Dom Joaquim Silvério de Souza o seguinte documento:

Exmo. Rev.^{mo}. Sr. Arcebispo em reunião preparatória, 70 moças operárias da Fábrica de Biribiri⁷, deliberaram fundar em sua simpática e piedosa capela a Associação das Filhas de Maria de Santa Inez, com o propósito de honrar de um modo especial a SS. Virgem, e imitar as suas virtudes praticamente, escutando escrupulosamente os estatutos que regem a referida associação. Pelo que, e no Rev.^{mo}. Sr. as humildes operárias por intermédio da diretoria provisória abaixo, vem refere e respeitosa e pedir a V. Rev.^{ma}. que se digne permitir a fundação da referida associação, na Capela do Sagrado Coração de Jesus desta localidade, e fundada que seja, anexá-la a primária de Roma para que goze das indulgências que lhe são anexas. Para segurança da graça que imploram submetem ao juízo de V. Ex.^a. os estatutos da associação a fundar-se para a devida aprovação, e se comprometem cumpri-los do melhor modo possível pra honra e gloria de Deus, e da SS. Virgem sob cuja proteção quer acolher-se. Esperando ser atendidas com os protestos de filial submissão e de especial afeto, se subscrevem. (ass.) Maria Luiza Machado - Directora, (ass.) Antonia Angélica -Vice Directora e Presidente, (ass.) Jacintha Francisca de Jesus – Secretária, Maria Margarida da Cunha – Tesoureira, Antonia Gertrudes – Conselheira, Maria das Dores Lopes – Conselheira, Aleixina Ferreira - Conselheira, Anastácia Baptista – Conselheira. Biribiri 12 de Setembro de 1926⁸.

⁴ A fábrica de Tecidos do Biribiri ficou sobre administração da firma Santos & Cia até 1904. A partir daí o Banco Hipotecário do Brasil assumiu como parte de pagamento de dívidas contraídas pela família Felício dos Santos e a manteve funcionando de maneira precária até 1922. Após esse período os irmãos AlgemiroPompoloni e João Gerundino Duarte compraram a fábrica do referido banco. A empresa com razão Social Duarte & Irmão foi um empreendimento que pertenceu exclusivamente a família Duarte até 1941. Após este período o capital da empresa foi aberto e esta adotou a razão social “Irmãos Duarte Sociedade Anônima e Comercial” permitindo a entrada da família Mascarenhas no negócio que permaneceram a frente do negócio até seu fechamento em 1975.

⁵ Fonte: FICHAS DE CADASTRO DOS RECURSOS HUMANOS - Fábrica de Tecidos do Biribiri (1920-1942). Arquivo Fábrica Estamparia S/A – São Roberto/MG.

⁶ *Idem*.

⁷ Identificou-se nos documentos que o nome Biribiri em alguns documentos aparece com a ortografia Beribery ou Biribiry, optamos manter a atualização ortográfica.

⁸ Fonte: MANUSCRITO 1 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG. (OBSERVAÇÃO: para todos os documentos citados nesse artigo será mantida a ortografia original da época).



As *pias* eram instituições femininas criadas durante o processo de restauração da cultura católica entre 1850 e 1950⁹. Conforme Michela de Giorgio (1991) a Igreja Católica observou que o estímulo para a imitação de comportamentos emancipados poderia colocar em risco a moral social defendida pela igreja. Por isso estimulou a presença de mulheres nas associações em que Maria figurava como exemplo de virtude e veneração a ser seguido. Ou seja, Maria seria uma educadora disciplinar. As 70 moças, descritas acima, eram operárias da Fábrica de Tecidos e viviam na vila operária e, ao propor a criação de uma associação de filhas de Maria, estavam servindo diretamente aos propósitos do Vaticano. Não obstante, também estaria indo ao encontro dos propósitos do patronato, pois seriam educadas conforme as virtudes marianas ao serviço do capital, corpos dóceis e úteis (FOUCAULT, 1987).

Vale ressaltar que os costumes em comum da vila foram pautados pela cultura católica, e esta, por sua vez, esteve fortemente presente ao longo da existência da Fábrica de Tecidos do Biribiri. As pessoas chegavam até a escrever orações pedindo apoio de santos para o êxito da produção fabril:

Petição ao Glorioso Santo Antônio

Oh: meu glorioso Santo Antônio, nós miseráveis pecadores, necessitando de vosso auxílio e proteção, vimos a vossa presença pedir-vos que nos concedais a grande graça de vendermos durante este ano toda a produção da Fábrica do Biribiri, com bom resultado inclusive o que está fabricado na Fábrica e aqui, sem ficar fazenda alguma nos depósitos de um ano para o outro; se vós nos concederes esta graça vos daremos no fim do ano a quantia de R\$ 70\$000rs para o pão dos pobres [...] (VOSSOS HUMILDES SERVOS, DUARTE & IRMÃO)¹⁰.

Trata-se de um trecho de uma petição a Santo Antonio composta por cinco parágrafos contendo negociações com o referido santo para outras graças, como por exemplo: fazer os teares produzirem 150 metros de pano por ano e se for atendido doaria duzentos contos de réis. Ou se caso não houvesse nenhum acidente seriam doados sessenta contos de réis. Também se pedia pela prevenção de enchentes e catástrofes naturais, que pudessem causar prejuízo a produção, pelo que seriam doados 30 contos de réis. O texto termina com as

⁹ O conceito de cultura católica da restauração foi utilizado por Giorgio (2001) para se referir ao contexto de mudanças e reestruturações empreendidos pela Igreja Católica no decorrer da segunda metade do século XIX a primeira metade do século XX. Este mesmo contexto foi denominado por Souza (2000) de Romanização do Catolicismo. Já Nunes (2009) chamou de Catolicismo Ultramontano.

¹⁰ MANUSCRITO 10/01/1929 - Arquivo do Museu Alexandre Mascarenhas - Fábrica Estamparia S/A – Contagem /MG.



seguintes palavras: “se vendermos anualmente aqui na loja “R\$60\$000\$000rs, vos daremos R\$30\$000rsno fim do ano.”¹¹”.

Segundo Conceição Duarte,¹² a autora da Petição ao Glorioso Santo Antônio teria sido sua avó, Antonina Duarte. Em suas memórias ela afirma que cópias dessa oração eram afixadas nos quadros de avisos da Igreja, do Convento (dormitório) e da fábrica para que “as moças que ali trabalhavam lembrassem de orar para o Santo Antônio, que aliás era também padroeiro da cidade de Diamantina”¹³.

Além das orações também existiam festas religiosas na vila:

No Biribiri

Desde que fundou-se aquele importante estabelecimento, industrial, que demora a 12 quilômetros dessa cidade, ali se tem sempre celebrado entre outras, a festa de Nossa Senhora das Mercês tendo se efetuado a mesma este ano, a 23 do mês em que vamos. Constou-se de véspera festiva, no Sábado, e missa cantada no Domingo, sendo celebrante desta Rev.^{mo}. Padre João Benjamim, com assistência do Exm. Sr. Bispo Diocesano. A tardinha desfilou pelo circuito da capela a procissão da Senhora, acompanhada de bom número de fieis e duas extensas alas virgens que lembravam dois cândidos flocos de neve em movimento á flor da terra por onde se estendiam [...]. Ao recolher da procissão houve bênção do S.S. Sacramento dada pelo Exmo. Sr. Bispo [...]. Funcionou em todos aqueles atos o coro composto por cantoras operárias do estabelecimento, acompanhando a harmonia com correção e expressão igualmente admiráveis D. Amélia dos Santos, tocando tão bem o mavioso instrumento e interpretando os textos musicais, como melhor não fariam as suas inteligentes antecessoras no cargo de organistas, quais foram D. Guilhermina Chaves (hoje, Irmã de Caridade) e D. Maria José, atualmente residente em Mendes, no E. do Rio de Janeiro. O dia que ali passamos, foi um dia cheios das melhores emoções do espírito, dando-nos sentir que confirme a palavra de Deus, o homem não vive só de pão, porem muito mais do lhe fala á alma é ao coração (ESTRELA POLLAR, p. 03, Edição nº25, Ano 1, 27/08/1903).

Para Natalie Zemon Davis (1990, p.87) “a vida festiva pode, por um lado, perpetuar certos valores da comunidade”. Pode-se dizer então que, no Biribiri, a festa de Nossa Senhora das Mercês e outras, demarcavam a continuidade de certo tipo de prática cultural da região, em que, paralelamente, 70 operárias se engajaram no projeto de fundação da Associação das Filhas de Maria de Santa Inês.

¹¹ MANUSCRITO 10/01/1929 - Arquivo do Museu Alexandre Mascarenhas - Fábrica Estamparia S/A – Contagem /MG.

¹² CONCEIÇÃO DUARTE (entrevista concedida dia 29/08/2015) [– Dona Conceição Duarte nasceu 01/12/1932 era filha de Pedro Duarte e Maria Luiza Horta Duarte, viveu no Biribiri por volta de 14 anos desde o seu nascimento. Sua família era proprietária da fábrica. Suas memórias, anterior ao seu nascimento podem ser interpretadas como memórias do “ouvi dizer” já que são lembranças construídas através das histórias contadas no ambiente familiar. Nem por isso, podem ser menosprezadas pelo historiador. Maiores informações sobre a análise da memória ver: RICOUER (2008)].

¹³Idem.



3. Associação Filhas de Maria de Santa Inês: “fé, pureza, obediência e bons costumes”

A Pia União das Filhas de Maria é uma piedosa associação de donzelas cristãs que se colocam debaixo do estandarte da Virgem Imaculada e de Santa Inez, Virgem e Martir, para melhor e mais facilmente cumprirem os deveres de seu estado(MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR, 1933)¹⁴.

O excerto acima está inserido na parte introdutória do manual publicado em 1933. Este manual, já estava na décima edição e foi publicado pela primeira vez no século XIX. A Igreja Católica, durante a restauração da sua cultura observou aspectos positivos do gênero no que se refere à fragilidade e sensibilidade feminina. Assim enxergou na mulher um instrumento capaz de estimular a conversão daqueles que, devido ao advento da modernidade¹⁵, haviam se afastado do culto católico. As orações, a ternura e o lamento das mulheres se transformariam assim em armas de persuasão para os propósitos da Igreja Católica, pois, para o bem ou para o mal, a influência do sexo feminino “seria imensa” (GIORGIO, 1991, p. 200).

As “pias” eram instituições femininas criadas durante o processo de restauração da cultura católica com o intuito de combater a imitação de comportamentos emancipados que poderiam colocar em risco a moral social difundida pela Igreja Católica. Por isso, estimulou a presença de mulheres nessas associações onde Maria – a mãe de Deus – se tornou exemplo de virtude e veneração a ser seguido por mulheres.

Para consolidar seus propósitos a Igreja Católica publicou, no século XIX, dois documentos importantes. No ano de 1854, o Pontífice Pio IX publicou a Epístola Apostólica *Ineffabilis Dei*¹⁶. Este documento eclesiástico promoveu e oficializou o dogma da imaculada concepção de Maria. Seu texto demonstra a obsessão da Igreja católica pela ideia de pureza

¹⁴ MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR compilado por Frei Basílio Rower, O. F.M. Décima Nona Edição. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Est do Rio, 1933.

¹⁵ Para Goodwin Júnior (2015, p. 46) “O século XIX foi uma época marcada pela impressão de que o tempo havia acelerado: mudanças e revoluções, a ampliação do capitalismo moderno, o avanço do imperialismo europeu sobre vastos territórios mundiais. Muitas pessoas que viveram aqueles tempos facilmente se identificariam com famosa expressão de Marx e Engels no Manifesto Comunista: tudo que parecia sólido desmanchava-se no ar. Essas transformações se espalharam pelo globo como parte da expansão mundial do capitalismo imperialista. O *litmotiv* desse movimento era a noção de progresso, que havia se tornado a palavra de ordem da maneira capitalista de viver, ver e compreender não apenas o mundo, mas toda a existência”.

¹⁶ EPISTOLA ROMANA INNEFABILIS DEI de 08/12/1854. Disponível em <http://www.capela.org.br/Magisterio/Pio%20IX/ineffabilis8dez.htm>. Acesso: 20/08/2016.



virginal. A Virgem se tornou um modelo de educadora disciplinar (BORGES, 2011). O outro documento foi Carta Encíclica *Rerum Novarum*, sobre a condição dos operários, de maio de 1891, assinada pelo Papa Leão XIII. Nesta, o Vaticano afirmou seu apoio “às confrarias, às congregações e às ordens religiosas de todo o gênero, nascidas da autoridade da Igreja e da piedade dos fiéis” (RERUM NOVARUM, 1891, p.23). E combatia as ideias do marxismo, defendendo o direito de preservação da propriedade privada e da família nuclear, assim como também criticava os movimentos grevistas.

O primeiro documento, direcionado exclusivamente às mulheres, serviu aos propósitos da restauração da Igreja Católica, uma vez que, contribuiu para formação de associações de mulheres que participavam do culto mariano. Ou seja, as “pias”, como, por exemplo, a associação Pia das Filhas de Maria de Santa Inez fundada por setenta operárias da Fábrica de Tecidos do Biribiri no ano de 1926. Por sua vez, a *Rerum Novarum* está direcionada a ambos os sexos e a ambas as classes sociais (ricos e pobres). Nela a Igreja Católica reafirmava posição contrária às ideias marxistas e promovia um discurso de aceitação e subserviência do trabalhador perante o empregador:

Não luta, mas concórdia das classes

9. O primeiro princípio a pôr em evidência é que o homem deve aceitar compaciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os Socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença das suas respectivas condições (RERUM NOVARUM, 1891, p.7)¹⁷.

Estes discursos estavam também presentes no cotidiano da associação Pia das Filhas de Maria de Santa Inez composta pelas operárias do Biribiri. Após o envio do documento solicitando a abertura da associação as operárias receberam o seguinte documento:

Biribiri 12 de Setembro de 1926

Dom Joaquim Silvério de Souza por Mercê de Deus e da Santa Sé apostólica Arcebispo de Diamantina etc.

A todos fiéis cristãos saúde e paz e benção em nosso Senhor Jesus Cristo.

¹⁷ CARTA ENCÍCLICA RERUM NOVARUM (15 de maio de 1891). Leão XIII – sobre a condição dos operários. Disponível em <https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/.../hf_1-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso 01/01/2017.



Fazemos saber que sendo-nos apresentados para serem aprovados os estatutos da Pia União das Filhas de Maria da Fabrica do Biribiri desta freguesia de se S. Antônio da Sé do arcebispado exarados em seis capítulos respectivos artigos e parágrafos; considerando que referidos Estatutos nenhuma disposição existe contraria a Fé e aos bons costumes, leis e disciplina da Igreja, considerando que os exercícios de piedade e caridade Cristã que são recomendadas e exercidos pela supra dita Pia União muito contribuirão para a maior gloria de Deus, para fomentar o culto da santíssima Virgem e para e pra o proveito espiritual das suas associadas; havemos Por bem de e mandar que sejam publicamente executadas, como pela presente provisão nossa o fazemos. Esta se cumprira como nela se contém e declara devendo ser junta nos supra ditos Estatutos, selada e registrada em Nossa Comarca Eclesiástica, e ordenais convier. Dada em Diamantina aos 2 de Outubro de 1926.(Ass.) Eu Monsenhor Gabriel Amador dos Santos, secretario do Arcebispado e a subscrevi (Ass.) + Joaquim Arc. de Diamantina(Ass.) Amador dos Santos¹⁸ (Grifos nossos).

Assim no documento o Arcebispo de Diamantina concede autorização para o funcionamento da associação católica. A Pia União das Filhas de Maria de Santa Inez professava que seu objetivo principal era “auxiliar os seus membros na observância da lei de Deus, no cumprimento dos deveres cristãos, oferecendo ao mesmo tempo um meio seguro para preservar as donzelas cristãs do contágio corruptor do século” (MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR, 1933)¹⁹.

Todavia, para se fazer valer como associação primária da Igreja Católica, as operárias não poderiam dirigir sozinhas as reuniões, deveriam ter um mentor espiritual, que no caso foi o Capelão Monsenhor Levi Pires de Oliveira. A documentação indica que a ideia de fundar a associação partiu dele, e não das operárias:

O Rev.^{mo}. Capelão Monsenhor Levi Pires de Oliveira desejando fundar na capela do Sagrado Coração de Jesus do Biribiri a simpática e piedosa Associação das Filhas de Maria de Santa Inez, a que tão imensos frutos tem produzido nas freguesias onde tem sido instalada, convidou a todas moças que quisessem dela fazer parte a darem os seus nomes, para que com o maior número possível de associadas se pudesse efetivar a feliz e agradável lembrança. Inscreveram-se 70 moças, sendo as que iam receber a fita azul visto com já haviam recebido as fitas verde e vermelha para se associarem como Filhas de Maria Imaculada com aspirantes a fita verde, pois que se achavam nas mesmas condições acima 18 foram candidatas a fita vermelha , e 30 a fita roxa²⁰ (Grifos nossos).

Como pode-se observar o documento assegura a participação do capelão na fundação da associação. No entanto, tal ação estava previsto no Estatuto da associação:

¹⁸ Fonte: MANUSCRITO 2 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG

¹⁹ MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR compilado por Frei Basílio Rower, O. F.M. Décima Nona Edição. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Est do Rio, 1933.

²⁰ Fonte: MANUSCRITO 3 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.



A Diretoria (Conselho da Pia União compõe-se: 1. Diretor, que deve ser o vigário capelão (nos estabelecimentos) ou um outro Padre escolhido para isso, caso o Bispo diocesano não reservar a nomeação. 2. Da Diretora e Vice Diretora. 3. Da Presidente e Vice-Presidente; 4. Da Secretária; 5. Da Tesouraria; das Conselheiras, tantas outras quanto o Diretor com a Diretora acharem necessário. Entre as Conselheiras o Diretor nomeará uma para o cargo de Mestra das Aspirantes e outra, se achar necessário, para Zeladora do culto divino (MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR, 1933, p.21)²¹.

Contudo, o manuscrito no qual Monsenhor Levi convida moças para se associarem também informa a existência de outra associação na região com o nome de “Filhas de Maria Imaculada”²² que provavelmente teria existido anteriormente. Além disso, descreve o uso de fitas por parte das associadas. Conceição Duarte, filha de Pedro Duarte, um dos proprietários da fábrica de Tecidos do Biribiri, morou na vila no período e informou, em entrevista, que as operárias tinham uma vida conventual:

Elas tinham momentos que podiam conversar; momentos de silêncio e, quando chegava a hora delas irem para capela do Biribiri elas iam todas com vestido de mangas compridas, vestidos compridos. Ela usavam uma fita que correspondia aos atos de piedade delas. Fitas rocha, amarela verde de como elas se comportavam. E elas ganhavam como premio a mudança de fita por causa do comportamento. Elas iam do Convento a capela em filas de quatro a quatro. E entravam na capela o tempo todo cantando e tinha sábado e domingo a missa, que vinha do meu tempo era monsenhor Levi. A vida religiosa lá era muito intensa. Seguiu o ano Litúrgico da Igreja Católica (CONCEIÇÃO DUARTE)²³.

O Manual da Pia União das Filhas de Maria orienta que as mulheres aceitas na associação deveriam ser classificadas segundo o grau de devoção à Virgem Maria, em três níveis: 1. as aspirantes, que ao ingressarem receberiam medalhas com fita verde; 2. as Filhas de Maria propriamente distas, cujas medalhas teriam fita azul; e 3. as Filhas de Maria por devoção, que também usavam medalhas com fita azul²⁴.

As integrantes da associação contribuíam com recursos próprios para comprar as fitas e medalhas, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Receitas e Despesas ano de 1926

²¹ MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR compilado por Frei Basílio Rower, O. F.M. Décima Nona Edição. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Est do Rio, 1933.

²² Fonte: MANUSCRITO 3 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

²³ CONCEIÇÃO DUARTE (entrevista concedida dia 29/08/2015).

²⁴ MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR compilado por Frei Basílio Rower, O. F.M. Décima Nona Edição. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Est do Rio, 1933.



Receitas	Valor
10 Bentinhas relevo	-
02 Fitas completas	14\$600 rs.
Correio	1\$000 rs.
Mensalidade	\$600 rs.
1 Manual	2\$200 rs.
Despesas	Valor
Pagamento de uma assinatura	7\$000 rs.
II Conforme exigiu o mapa anual	10\$000 rs.
7 Bentinhos a	8\$400 rs.
7 Patentes II	1\$200rs.
2 Manuais II - 2\$200 rs	4\$400 rs.
Pagamento de duas fitas à 7\$300rs	14\$600 rs.
II porte	1\$000 rs.
II II 2 Cartas Simples	\$60 rs.
II II 2 registradas á 1\$100 rs	2\$20 rs.
1 Manual	2\$20 rs.

Fonte: MANUSCRITO - Caderno de Receita e despesas Associação Pia União das Filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

Os recursos administrados pela associação provinham de mensalidades pagas pelas integrantes e serviam para adquirir bens utilizados nos ritos católicos. A falta de pagamento era registrada como inadimplência nas atas de reunião²⁵. Isto ocorria certamente para que o valor devido não fosse esquecido e pudesse ser cobrado posteriormente. Contudo, também causava certo constrangimento moral para a devedora.

Tanto Michela de Giorgio (1991) quanto João Valdir Alves de Souza (2000) indicam que no período a igreja disseminava o catecismo através de cartilhas e manuais. Ao que parecem, os manuais adquiridos eram entregues às aspirantes que ingressavam na associação Pia Filhas de Maria de Santa Inês. Pode-se imaginar que o discurso proferido pelo Manual da Pia União das Filhas de Maria de Santa Inez funcionava como instrumento de disseminação de um modelo de paternalismo disciplinador²⁶.

O manual era discutido nas reuniões mensais da associação que ocorriam na Igreja da vila operária do Biribiri:

²⁵ Fonte: MANUSCRITO - Caderno de Receita e despesas Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

²⁶ Conceito aplicado por PERROT (2011).



Novembro de 1926 - Ata da 1ª Reunião das Filhas de Maria de Santa Inez. Aos vinte e um de novembro do corrente ano realizou-se a 1ª reunião das Filhas de Maria de Santa Inez, depois de sua fundação nesta capela. Depois das orações da abertura, foi aberta a mesma ao expediente falou o Rev.^{mo}. Diretor, discorrendo sobre a grandeza da missão do sacerdote o que faz este na igreja com o fim de ganhar almas para Jesus Cristo, o devia fazer a filha de Maria para conquistar corações para Maria SS. percorreu uma por uma a missão sacerdotal, e ao mesmo ia desenvolvendo a missão da filha de Maria, e tirando as conclusões práticas, calando bem fundamente nos ânimos dos ouvintes as belas palavras e atraentes conceitos de sua Rev.^{ma}. Encerrou-se a sessão com as orações próprias. Do que pra constar lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada²⁷ (Grifos nossos).

O manual informa que o primeiro dever das filhas de Maria era a fiel observância da Lei de Deus e o exato cumprimento dos mandamentos da Igreja²⁸. Dessa forma, as operárias eram orientadas para as práticas da disciplina e da submissão. As reuniões quase sempre eram mensais. No período entre 1926 e 1931 ocorreram 54 reuniões²⁹. Nelas, o Capelão responsável discursava temas como fé, piedade, bons costumes, entre outros ligados ao comportamento feminino conforme modelo da Virgem Maria³⁰. Em todos os encontros quem tomava a palavra e iniciava a Reunião era o referido capelão o Diretor Monsenhor Levi.

No dia 15 de janeiro de 1928, realizou-se a 15ª reunião das Filhas de Maria de Santa Inez sob a presidência do Rev.^{mo}. Diretor, a Diretoria, e quase todas associadas, foi a aberta a sessão, lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi franqueada a palavra a quem quisesse usar tomou o Rev.^{mo}. Diretor, que fez uma bela prática sobre o procedimento das filhas de Maria, evitando as máximas do mundo, os divertimentos perigosos, os bailes, o cinema, a moda indecente, que tudo isto aarrastar facilmente par ao abismo. Falou ainda sobre a comunhão frequente mostrando o bem que esta produz em nossas almas. Depois de outros conselhos foi encerrada a sessão. Do que para constar lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada³¹ (Grifos nossos).

Ao tomar a palavra Monsenhor Levi interpretava partes do Manual das Filhas de Maria. Solicitar que as operárias participantes da associação evitassem os divertimentos perigosos, como os bailes, configura um discurso importante para manutenção da ordem e disciplina da vila operária.

²⁷ Fonte: MANUSCRITO 3 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

²⁸ MANUAL DA PIA UNIÃO DE SANTA INEZ VIRGEM E MARTIR compilado por Frei Basílio Rower, O. F.M. Décima Nona Edição. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Est do Rio, 1933, p.28.

²⁹ Fonte: MANUSCRITOS (1 a 54) - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

³⁰ *Idem*.

³¹ Fonte: MANUSCRITO 15 - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.



As participantes da Pia União Filhas de Maria de Santa Inez tinham o tempo assegurado para as atividades da Igreja e da fábrica evitando o desperdício do tempo. Por exemplo, nota-se “uma filha de Maria deveria deveria cultivar virtudes como a humildade”³²; de tal modo que o “Senhor (Deus-pai) deveria ajudar fazendo com que a operária empregasse seu tempo em boas obras”³³.

O discurso conservador e religioso contribuía assim para gerar aquilo que Michel Foucault (1987) chama de corpos dóceis e úteis. Além disso, pode-se observar que o processo de feminização da Igreja Católica, tal como aponta Maria José Rosado Nunes (2009), ocorria debaixo do domínio masculino, contribuindo para perpetuação do conservadorismo entre os cristãos, como mostra o caso das operárias da vila operária do Biribiri.

4. Considerações finais

As operárias das Fábricas de Tecidos do Biribiri tiveram o cotidiano marcado pela cultura católica. Assim como elas, todas as pessoas que viviam no Brasil no início do século XX. Nas fontes analisadas é perceptível a sustentação de um discurso que visava o controle do tempo, a disseminação de padrões de comportamento de acordo com o modelo mariano e o incentivo à participação das operárias em eventos litúrgicos. Assim sendo, o discurso reformador da igreja contribuía para formação da Pia Filhas de Maria de Santa Inez, que por sua vez, tinha como líder o capelão local que, com auxílio de estatuto e do manual que regia a associação, promovia uma prática cotidiana de paternalismo disciplinador.

5. Referência

BORGES, Kátia Franciele Corrêa Borges. *Santa, esposa-mãe e professora*. Montes Claros, MG: Unimontes, 2013.

³²Fonte: MANUSCRITOS (1 a 54) - Atas de reuniões da Associação Pia União das filhas de Maria de Santa Inez (1927 e 1931) – Arquivo Fábrica Antonina Duarte – Diamantina/MG.

³³*Idem*.



BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal. – 3ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

CHALLOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2º ed. – Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Tradução: Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

DULCI, Otávio Soares. A indústria mineira no século XIX. In: RESENDE, Maria Efigenia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *A Província de Minas*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora; Companhia do Tempo, 2013.

FERNANDES, Antônio Carlos. *O turíbulo e a chaminé: A ação do bispado no processo de constituição da Modernidade em Diamantina (1864-1917)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

GIORGIO, Michela. O modelo Católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres no Ocidente: O Século XIX*. Trad. COELHO, Maria Helena da Cruz; et. al. Porto/Portugal: Edições Afrontamento; São Paulo/Brasil: EBRADIL. 1991. Vol.4 p.199-237.

GIROLETTI, Domingos. *Fábrica, convento e disciplina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

GOODWIN JÚNIOR, James William. *Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. Belo Horizonte, Fino Traço, 2015.

LEMOS, Marcos. *O grande Tecelão*. Editora Gráfica O Lutador, 1999.

LIBBY, Douglas Cole *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACHADO FILHO, Aires da Mata (1909). *Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

MARTINS, Marcos Lobato. *Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes em Minas Gerais (Século XIX)*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

MARX, Karl, 1818-1883. *O capital: Crítica da economia política: livro 1*. Tradução Reginaldo Sant'Anna. – 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.



NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: Del Priori, Mary (org); BASSANEZI (Coord. de Textos). *História das mulheres no Brasil*. 9 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.482-509.

PERROT, Michelle. *História dos quartos*. Tradução Alcida Brant. São Paulo Paz e Terra, 2011.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890 -1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RICOUER Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain Fraçois. Ed. Unicamp, 2008.

SOUZA, João Valdir Alves de. *Igreja, educação e práticas culturais: a mediação religiosa no processo de produção/reprodução sociocultural na região do médio Jequitinhonha mineiro*. Tese de doutorado apresentado ao Programa De Estudos Pós-Graduados Em Educação - História, Política, Sociedade – Doutorado – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC/SP. São Paulo: Dezembro, 2000.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (Vol. 1, 2 e 3).

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.